

# CORPO DO PROFESSOR: REFLEXÕES PRÁTICAS SOBRE SUBJETIVIDADE E PODER NA FORMAÇÃO DE ENFERMEIROS

Paulo Sérgio da Silva<sup>1</sup>, Albert Lengruber de Azevedo<sup>2</sup>, Cleiry Simone Moreira da Silva<sup>3</sup>, Sílvia Teresa Carvalho de Araújo<sup>3</sup>, Wiliam César Alves Machado<sup>3</sup>, Nébia Maria Almeida de Figueiredo<sup>3</sup>

**Objetivo:** Refletir sobre o corpo do professor de enfermagem no discurso da subjetividade e poder. **Metodologia:** Trata-se de um ensaio teórico orientado por reflexões contextuais organizadas no núcleo prático intitulado: o corpo do professor de enfermagem no discurso da subjetividade e poder. **Resultados:** No plano da subjetividade, a formação de enfermeiros foi pensada a partir das marcas produzidas pelo corpo do professor que são fixadas nos estudantes de enfermagem durante o percurso acadêmico. No que diz respeito ao poder disciplinador, as reflexões assumidas foram contrastadas com os cenários do cuidado onde o egresso, marcado por diferentes professores, encontra-se com os seus clientes, chefias e a equipe multiprofissional de saúde. **Conclusão:** Para não concluir: importa registrar a necessidade de pensar os espaços de ensinar e cuidar à luz de uma filosofia prática, que seja capaz de dialogar subjetivamente as expressões do poder vivenciadas por clientes, profissionais de saúde, estudantes, professores e gestores.

**Descritores:** Enfermagem; Educação; Ensino; Educação em Enfermagem; Educação Superior.

## THE PROFESSOR'S BODY: PRACTICAL REFLECTIONS ON SUBJECTIVITY AND POWER IN NURSE EDUCATION

**Objective:** Reflect on the body of the nursing teacher in the discourse of subjectivity and power. **Methods:** This is a theoretical essay guided by contextual reflections organized in the practical core entitled: the body of the nursing teacher in the discourse of subjectivity and power. **Results:** At the level of subjectivity, the training of nurses was thought from the marks produced by the teacher's body that are fixed in nursing students during the academic course. With regard to power, its disciplinary character has been assumed, contrasted with the care settings where the egress, marked by different teachers, meets with their clients, managers and the multiprofessional health team. **Conclusion:** it is important to register the need to think about the spaces of teaching and care in the light of a practical philosophy capable of subjectively dialoguing and the expressions of power experienced by clients, health professionals, students, teachers and managers.

**Descriptors:** Nursing; Education; Teaching; Education Nursing; Education Higher.

## CUERPO DEL PROFESOR: REFLEXIONES PRÁCTICAS SOBRE SUBJETIVIDAD E PODER EN LA FORMACIÓN DE ENFERMEROS

**Objetivo:** Reflexionar sobre el cuerpo del profesor de enfermeros en el discurso de la subjetividad y del poder. **Métodos:** Es un ensayo teórico orientado por reflexiones contextuales organizadas en el núcleo práctico entitulado: el cuerpo del profesor de enfermería en el discurso de la subjetividad y del poder. **Resultados:** En el plano de la subjetividad la formación de enfermeros fue pensada a partir de las marcas producidas por el cuerpo del profesor que se fijan en los estudiantes de enfermería. Con respecto al poder, fue asumido su carácter disciplinador, contrastado con los escenarios del cuidado donde el egresso, marcado por diferentes profesores, se encuentra con sus clientes, jefaturas y el equipo multiprofesional de salud. **Conclusión:** importa registrar los espacios de enseñanza e cuidado a la luz de una filosofía práctica, que sea capaz de dialogar subjetivamente las expresiones del poder vivenciadas por clientes, profesionales de salud, estudiantes, profesores e gestores.

**Descriptorios:** Enfermería; Educación; Enseñanza; Educación en Enfermería; Educación Superior.

<sup>1</sup>Universidade Estadual de Roraima-UERR

<sup>2</sup>Universidade Federal do Rio de Janeiro-UFRJ

<sup>3</sup>Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro-UNIRIO

Autor correspondente: Paulo Sérgio da Silva. E-mail: pssilva2008@gmail.com

## INTRODUÇÃO

A iniciativa de refletir sobre o corpo do professor na formação de enfermeiros, invariavelmente, se encontra atrelada a elementos peculiares do humano, aquele que significa o processo de ensinar e aprender o ofício de cuidar. Esse debate, inerente à formação em saúde, coloca o professor em um campo de conhecimentos e de práticas desafiadoras para parar e pensar o corpo no discurso da subjetividade.

Para tanto, faz-se o convite para iniciar uma aventura, que mobiliza o entrelaçamento ininterrupto de elementos conceituais que agregam os discursos de subjetividade e poder, advindos da prática de formar enfermeiros.

O desejo para criação de reflexões sobre o corpo do professor<sup>(1)</sup> na formação de enfermeiros se deve às inúmeras experiências cotidianas, que demonstram, sobremaneira, o ensino do cuidado como uma oportunidade de aprender além de uma técnica, um exercício de magnitude, autoconhecimento, satisfação, que busca aprender, com consciência, respeito e cumplicidade, a partir de um corpo que reage e se expressa emocionalmente diante de um conteúdo necessário ao que fazer da enfermagem.

Um corpo que ao ensinar gera respostas nos estudantes de enfermagem e conseqüentemente passa ser analisado no interior das cenas de ensino além de seus músculos, peles e órgãos. Um corpo expressivo, com sua história, cultura, um relicário de memórias que (re) age às diversas situações e ambientes em que transita e assim influencia os estudantes, em maior ou menor intensidade, para aprender a aprender, aprender a ser, aprender a interagir, a compartilhar, a conviver e ao próprio fazer da profissão<sup>(2)</sup>. Um corpo nômade-expressivo observado para além de sua dimensão biológica, ou seja, que desvela sua subjetividade para se inteirar e identificar, com os corpos dos aprendizes, ações de cuidar<sup>(3)</sup>.

Comunga-se, portanto, como ponto chave deste ensaio reflexivo, a ideia de corpo integrado à figura do professor, enfocado não apenas como elemento disparador de reflexões teorizantes, mas problematizador, que perpassa pela natureza dos afetos<sup>(4)</sup>, produzidos no íntimo do processo de ensino-aprendizagem, sobretudo entre os protagonistas que ensinam e aprendem a profissão de enfermagem.

Os apontamentos, que aqui são realizados sobre os afetos nos processos de formação de enfermeiros, dizem respeito aos encontros diários entre professores e estudantes, capazes de produzir significativas mudanças nos estilos de conceber a vida e a profissão de enfermagem nos cenários do cuidado. Por esses motivos, as argumentações presentes neste ensaio são orientadas pelo presente objetivo: refletir sobre o corpo do professor de enfermagem no discurso da subjetividade e poder.

## METODOLOGIA

No plano metodológico, imaginamos o corpo do professor no cenário do ensino e projetamos suas marcas profissionais nos egressos de enfermagem para os cenários do cuidado. Nesta perspectiva, somos incididos por experiências relacionadas com o ensinar, o cuidar e o investigar a formação de enfermeiros.

Neste percurso de produção de conhecimento que versam sobre subjetividade e poder, redimensionamos o pensar e o agir, sobretudo quando colocamos o corpo do professor em posição de destaque nas reflexões. O exercício para descrição reflexiva perpassou pela redução dos obstáculos epistemológicos na forma de se perceber como professores e enfermeiros.

Os fios teóricos, deleuze-guattariano e foucaultiano, refletidos no interior dos processos de ensino-aprendizagem, estão situados na tese intitulada: "Marcas do corpo do professor na formação de enfermeiros: um estudo sobre egressos nos cenários de cuidar", defendida no ano de 2016. Certamente esta vivência investigativa permitiu pensar o corpo do professor em um permanente movimento prático sobre o processo de produção de marcas profissionais<sup>(5)</sup>.

Rumo à reflexão que versa sobre subjetividade e poder discursadas junto ao corpo do professor de enfermagem, optou-se por organizar os argumentos sobre a prática de formar enfermeiros no seguinte núcleo reflexivo:

Núcleo reflexivo: o corpo do professor de enfermagem nos discursos da subjetividade e poder

De saída, importa registrar como resultado: o corpo do professor que se relaciona em maior ou menor intensidade aos estudantes de enfermagem é o da vida, do entusiasmo pelo aprender, movido por impulsos, que encontra no afeto a razão dos movimentos políticos e profissionais.

Fala-se de um corpo que cria e (re) age às formas instituídas de pensar o ensino que pode ter um sentido mais amplo, o de um corpo coletivo de professores de uma universidade e também um corpus teórico-conceitual da Enfermagem, que entra em um processo de formação de enfermeiros para atender às demandas de diferentes grandezas no Sistema Único de Saúde.

Essas afirmativas abrem a possibilidade para construção de reflexões que versam sobre o poder circulante no interior das relações vivenciadas entre professores e estudantes durante a formação de enfermeiros. Aqui, fala-se de um poder dinâmico, capaz de fluir de um lado para o outro nos cenários do ensino e do cuidado, a partir das pessoas que vivenciam as cenas de ensino-aprendizagem, consideradas como corpos-catalisadores, por serem capazes de resistir ou propagar suas forças produtoras.

Esses posicionamentos encontram ancoragem nos discursos analíticos de Foucault sobre o poder, sobretudo quando o considera como algo que circula que só funciona em cadeia. Nunca está localizado aqui ou ali, nunca está nas mãos de alguns, nunca é apropriado como riqueza ou bem. O poder funciona e se exerce em rede. Nas suas malhas, os indivíduos não só circulam, mas estão sempre em posição de exercer este poder e de sofrer sua ação; nunca são alvos inertes ou consentidos do poder, são sempre centros de transmissão<sup>(6)</sup>.

É isso: o poder, ao circular ativamente pelo corpo do professor, entendido como um centro complexo para a transmissão de informações e sentidos, e um tipo de rede que não se dissocia, gera efeitos (des) agradáveis nos estudantes, que, sobremaneira, são caracterizados como cidadãos-aprendizes de um ofício profissional ou, após sua formação, são posicionados para o que-fazer nos cenários do cuidado.

Estar presente no cenário do cuidar exige do enfermeiro uma constante interação, seja com as pessoas que requerem cuidados ou mesmo com a equipe de saúde. Cada corpo, movimento, gesto, ação, e comportamento, envolve uma potente força circulante, que pode remeter-se às marcas<sup>(5)</sup> profissionais provenientes dos subjetivos agenciamentos<sup>(7)</sup> realizados pelos professores durante o processo de formação na universidade.

Agenciamentos compreendidos como um estado preciso de mistura de corpos em uma sociedade, cujas atrações, repulsões, simpatias e antipatias; alterações, alianças, penetrações e expansões, afetam os corpos de todos os tipos, uns em relação aos outros<sup>(7)</sup>.

Essa mistura de corpos, nas diversas situações em que se busca a produção de subjetividade a partir de um cuidado de enfermagem que foi ensinado, fornece pistas para pensar o enfermeiro na sua singularidade. Corpo que foi produzido na academia, cujas marcas de ordem subjetiva paulatinamente vão sendo realçadas, contornadas ou mesmo apagadas, principalmente quando se abre para novas conexões com e para o mundo, advindas, sobretudo, dos processos de trabalho em saúde.

Por em relevo a micropolítica do trabalho em saúde não é uma tarefa simples. A complexidade envolve análises minuciosas sobre uma subjetividade flexível e processual<sup>(8)</sup> que se dobra na forma como os enfermeiros, com marcas de seus professores, e a equipe de saúde efetivamente cuidam das pessoas. Nessa relação, intercessora entre cuidado e subjetividade, o que brota como palavras de ordem, são: criação, vibrátil, intensidades, desejos, disputas, resistências, circulação de poderes; força instituída e instituinte que fluem, passam, ressoam e habitam nos corpos dos trabalhadores, dando dinamicidade aos cenários do cuidado.

Em outras palavras, pensar a produção de cuidado

nos serviços de saúde, pressupõe diferentes análises das atrações, repulsões, simpatias e antipatias que são formadas nos encontros estabelecidos entre os diversos profissionais, em especial os enfermeiros, que cuidam das pessoas saudáveis ou adoecidas.

Com relação a essas especificidades, advindas das práticas em saúde, e desenvolvidas nos cenários do cuidado, aqui contextualizadas com os resíduos de memórias dos professores marcados nos enfermeiros, cabe destacar: a resistência às capturas, a luta pelo direito à criação, a exposição e a vivência, em ato, de uma relação. A micropolítica opõe-se à política das vigências disciplinares, das racionalidades hegemônicas, é a política do minoritário, das forças minoritárias, resistência aos instituídos, resistência ao saber-poder-desejo hegemônico, disputa por outros modos de ser-existir-agir, inventivos, criativos, em ato. A micropolítica não é local/individual, é força instituinte, transversalidade de processos e projetos, luta contra-hegemônica e anti-hegemônica<sup>(9)</sup>.

O debate em torno da micropolítica em saúde, diz respeito à forma como os profissionais são e estão posicionados no mundo. Sujeitos antenados nas políticas nacionais, de estados e municípios, até afetar o íntimo dos seus corpos durante as práticas que são desenvolvidas cotidianamente nos cenários do cuidado.

Fala-se de lugares onde o enfermeiro-egresso de uma instituição superior de ensino, marcado por diferentes corpos de professores, relaciona-se com os seus clientes, chefias imediatas e a equipe multiprofissional de saúde numa complexa rede de poder. Rede que ganha forma nos seus pontos de sustentação, representada pelas experiências partilhadas entre as diversas categorias profissionais, que se movimentam e expressam seus cuidados. Rede real, observada a partir das (des) conexões existentes entre as pessoas.

Nesta rede firmada por elos interpessoais, o enfermeiro pode ser considerado um dos centros de transmissão do poder, que ao ser por ele incidido, elabora estratégias que permitem usá-lo, ou não, em prol das necessidades de saúde apresentada pelas pessoas que são cuidadas nos serviços de saúde. Dessa forma, essas considerações, numa perspectiva foucaultiana, apresentam o poder como um fenômeno presente no interior das relações humanas, sobretudo quando os enfermeiros nos cenários do cuidado e da vida usam o seu saber profissional para lutar pelos ideais profissionais da Enfermagem.

Nesse sentido, os cenários do cuidado são densos, quando olhado por uma perspectiva subjetiva. Isso porque as relações de poder com as possíveis forças e movimentos instituintes ali presentes, são capazes de se sobrepor a diversos enunciados,

marcados nos enfermeiros agenciados pelos professores ainda na academia.

Essas sinalizações apontam para enfermeiros que se movimentam dentro de uma equipe de saúde e lutam/resistem por uma prestação de cuidados capaz de projetar-se a partir das reais necessidades apresentadas pelos clientes que transitam nos cenários do cuidado. Daí reside à dificuldade em apreciar o cenário do cuidado como algo mecânico, frio e fixo. É como se as marcas produzidas pelo corpo do professor no enfermeiro-egresso estivessem sendo redesenhadas subjetivamente a partir de novos agenciamentos provenientes dos seus encontros com os profissionais de saúde e o próprio território do cuidado.

O aspecto a considerar da formação do enfermeiro na academia pensado a partir das marcas fixadas como memória pelo corpo do professor se remete ao íntimo, ao emocional, aos desejos e principalmente aos poderes que nele operam. Enfermeiros com marcas subjetivas singulares, que podem ser advindas da vida, da política vigente na instituição superior de ensino, do currículo, da prática pedagógica adotada, ou mesmo dos próprios desejos que habitam os corpos dos professores. Desejos capazes de mobilizar nos estudantes de enfermagem as escolhas profissionais de querer ser igual ou não ao corpo que os preparou profissionalmente.

Um corpo marcado por desejos e agora enveredado nos diferentes cenários institucionais para cuidar. Corpo-profissional alvo de novos agenciamentos, corpo-força, disciplinado e disciplinador de ações. Disciplina, em geral, capaz de esquadrihar subjetividades para produzir indivíduos inertes aos processos da vida no mundo pós-modernidade.

Nesse prisma, a contemporaneidade tem se destacado simbolicamente pelo fato de, cada vez mais, disciplinar o corpo, organizá-lo e adestrá-lo para um determinado fim. O mecanismo de ação do poder disciplinar é contínuo, capaz de treinar, exercitar, conduzir e apenas em última hipótese excluir o indivíduo. Nenhum poder deseja excluir absolutamente. O poder opera incluindo, alguns se travestem mais, se tornam mais refinados, e criam políticas de inclusão; esta prática é certamente algo extremamente interessante para dominação das pessoas que se relacionam no interior dos processos, seja de formar ou de cuidar<sup>(10)</sup>.

Nessa modalidade de inclusão, o real controle é o que conduz os enfermeiros para esfera da alienação. Pessoas apropriadas por processos instituídos. Indivíduos que olham, mas não conseguem ver seus corpos aprisionados a um sistema macropolítico, que os congelam no plano micropolítico, baseado em fórmulas preparadas de interação com as pessoas que precisam de cuidado.

Nessa perspectiva, o poder disciplinar tem como função maior adestrar para retirar e se apropriar ainda mais e melhor

dos corpos. Ele não amarra as forças para reduzi-las, procura ligá-las para multiplicá-las e utilizá-las num todo<sup>(11)</sup>. Não se trata de um poder que opera e encontra sua validade a partir do castigo ou punição dos trabalhadores de saúde.

O poder disciplinar é sutil e controlador. Não deixa nenhuma parte às escuras, dominando continuamente os mesmos que estão encarregados de controlar; é também absolutamente 'discreto', pois funciona permanentemente e em grande parte em silêncio. A disciplina faz 'funcionar' um poder relacional, que se autossustenta por seus próprios mecanismos e substitui o brilho das manifestações pelo jogo ininterrupto dos olhares calculados<sup>(11)</sup>.

O olho-controle, que desde a base do trabalho em saúde até o seu ápice tudo vê e regula. Olhar que legitima o poder disciplinar, exercendo seu controle a partir da disposição dos corpos no espaço, ou mais recentemente, a partir das tecnologias modernas, tais como: câmeras de vigilância, telefones celulares, que permitem rapidamente compartilhar informações e imagens advindas do trabalho vivo.

A partir dessa constante exposição a um dispositivo de vigilância, os profissionais passam a ter suas ações e movimentos automatizados. Desse modo, não é necessário recorrer à força para obrigar o condenado ao bom comportamento, o louco à calma, o operário ao trabalho, o escolar à aplicação, o doente à observância das receitas<sup>(11)</sup>.

E, para exemplificar melhor as determinações do poder disciplinar nos enfermeiros, basta olhar para os postos de enfermagem, presentes no interior dos hospitais, e que por horas encontram-se rastreados por câmeras de monitoramento, onde: de sua torre de controle, o diretor pode espionar todos os empregados que tem a seu serviço: enfermeiros, médicos, guardas; poderá julgá-los continuamente, modificar seu comportamento, impor-lhes métodos que considerar melhores; e ele mesmo, por sua vez, poderá ser facilmente observado. Um inspetor que surja sem avisar na central julgará com uma única olhadela, e sem que se possa esconder nada dela, como funciona todo o estabelecimento<sup>(11)</sup>.

O que se apresenta é um laboratório vivo do poder, onde as pessoas são constantemente vigiadas pelos olhos disciplinadores, capazes por vezes de controlar, em maior ou menor intensidade, suas ações. Trata-se, pois, de uma organização disciplinar, responsável por automatizar ações e limitar as produções criativas dos enfermeiros, que quando refletidas, podem gerar preocupação para o processo de trabalho em saúde, uma vez que a criatividade, um dos instrumentos básicos da formação superior, é indispensável ao cuidar.

Certamente, as reflexões aqui tecidas entram em contato com a realidade, por serem de extrema importância para

aqueles que estão implicados nos processos de formação superior, bem como, nos modelos de atenção e de gestão da saúde.

### Limitações do estudo

O que se registra concretamente como limitação deste ensaio são experiências de professores de enfermagem que ensinam em cursos de formação com currículos cujas bases organizativas e os processos de base pedagógica diferem. Daí é reconhecido que a leitura de subjetividade e poder veiculadas pelos corpos que ensinam o cuidado de enfermagem podem divergir de acordo com os contextos formadores nos quais estas reflexões são pensadas e aplicadas.

### Contribuição do estudo para a prática

Acredita-se que este ensaio reflexivo represente relevante contribuição para os enfermeiros atuantes nos diversos cenários de prática profissional, por agregar diagramas de subjetividade e poder que permeiam as relações vivenciadas com docentes ao longo dos cursos de graduação. Subjetividade e poder implícitos nas filosofias de ensino de graduação em enfermagem, cujo viés disciplinar adotado pelos seus diversos docentes subsiste instrumento potencializador de posturas condizentes com princípios éticos da profissão, refletindo na promoção da qualidade do cuidado prestado aos clientes e a sociedade.

### CONCLUSÃO

Com a certeza do inacabado, atesta-se, em síntese, a enorme complexidade do processo de ensino-aprendizagem e sua relação com a prática profissional. Na verdade, esse limiar entre o processo de formação de enfermeiros e a profissionalização atravessada pelas determinações dos

cenários do cuidado, autorizam investigações futuras de forma a ampliar o que foi refletido sobre o corpo do professor. Infere-se, portanto, que é impossível concluir as reflexões.

Aqui, ao fazer uma pausa, é fundamental pensar no avanço das discussões teóricas e práticas que versam sobre as ações de formar enfermeiros, para entender como os egressos de enfermagem, marcados ou não, pelos corpos dos professores durante seu percurso acadêmico, atuam nos diversificados contextos em que o cuidado ocorre. Uma filosofia prática que dialogue o regime de afetabilidade vivido no interior das universidades, nos cenários do cuidado e nos espaços onde a vida pertencente a variados processos, seja de ensinar ou de cuidar, é elemento central de análises.

Assim, espera-se que este ensaio reflexivo, ao agregar os diagramas conceituais de subjetividade e poder, contribua nas atividades de ensinar e cuidar que são desenvolvidas por professores, estudantes de enfermagem, enfermeiros, trabalhadores, gestores educacionais e da saúde. Além disso, suscite à realização de novos estudos e potencialize posturas que beneficiarão o exercício de um cuidado que os clientes e a Enfermagem hoje e amanhã merecem.

### Contribuição dos autores

Concepção e/ou desenho, análise e interpretação dos dados, redação do artigo, revisão crítica, revisão final: Paulo Sérgio da Silva; Albert Lengruber de Azevedo; Cleiry Simone Moreira da Silva; Sílvia Teresa Carvalho de Araújo; Wiliam César Alves Machado; Nêbia Maria Almeida de Figueiredo.

### REFERÊNCIAS

1. Silva PS, Figueiredo NMA. The teacher's body elements that influence the teaching-learning process of university nursing students. *Invest Educ Enferm* [Internet]. 2017;35(3):268-75. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.17533/udea.iee.v35n3a03>
2. Silva PS, Silva CRL, Tonini T, Figueiredo NMA. Effects of teaching strategies-learning: an essay on the responses of body learning as scenario tutorial. *Rev Fund Care Online* [Internet]. 2016;8(3):4725-4732. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.9789/2175-5361.2016.v8i3.4725-4732>
3. Figueiredo NMA, Machado WCA, Maria MM. Organizadores. *Reabilitação: nômades em busca de sentido para o cuidado da pessoa com deficiência adquirida*. Curitiba: Editora CRV, 2018.
4. Spinoza B. *Ética*. 3ª ed. Belo Horizonte: Autêntica; 2014.
5. Silva PS. *Marcas do corpo do professor na formação de enfermeiros: um estudo sobre egressos nos cenários de cuidar*. Rio de Janeiro: Universidade Federal Estado do Rio de Janeiro; 2016.
6. Foucault M. *Microfísica do poder*. Tradução: Machado R. Rio de Janeiro: Edições Graal; 2008.
7. Deleuze G, Guattari F. *Mil Platôs: Capitalismo e esquizofrenia - Volume II*. 2ª ed. Tradução: Oliveira AL, Leão LC. Rio de Janeiro: editora 34; 2011.
8. Rolnik S. Uma terapêutica para tempos desprovidos de poesia. *Revista do Centro de Pesquisa e Formação*. 2016;1:1-35.
9. Ceccim RB, Merhy EE. Um agir micropolítico e pedagógico intenso a humanização entre laços e perspectivas. *Interface Comunicação - Saúde - Educação*. 2009;13(supl I):531-42.
10. Santos AM, Costa FS. Filosofia da Corporeidade: transversalizações de um corpo intenso de devir. *Educação & Realidade* [Internet]. 2018;43(1):223-37. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/2175-623663733>
11. Foucault M. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Tradução: Ramalheira R. 39ª ed. Petrópolis: Vozes; 2011.